



# BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**MARIA ANTÓNIO HÖRSTER**

*Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*

**ESTAR-AÍ: A CONQUISTA POÉTICA DE UM ESPAÇO  
UMA EXPOSIÇÃO DE CLAUDIA RENAULT  
NO COLÉGIO DAS ARTES**

Claudia Renault é uma artista plástica com nome firmado em Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, cidade onde nasceu e reside. Tendo iniciado a sua carreira artística na sua cidade natal, começou por dedicar-se à xilogravura, partindo em seguida para a criação de objetos e instalações. Tem apresentado os seus trabalhos em múltiplas exposições, individuais e coletivas, dentro e fora do Brasil. Dentre estas, destacam-se algumas coletivas, como a mostra “Leiria, Belo Horizonte – um Encontro de Culturas”, realizada na galeria 57, em Leiria, em 2000, ou as que decorreram na Galeria Marília Razuk, São Paulo – SP, em 2003, e no IDB Cultural Center, em Washington, EUA, em 2006. Claudia Renault encontra-se representada em importantes acervos como: Coleção Gilberto Chateaubriand – Rio de Janeiro R.J.; Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte MG; Instituto Cultural Itaú, São Paulo SP, entre outros.

Ligada à carreira docente no domínio da Escola Guignard-UEMG, da Universidade do Estado de Minas Gerais, coordenou e foi chefe do Departamento de Artes Plásticas. Desde 2010 encontra-se a frequentar um Curso de Doutoramento em Arte Contemporânea, que abriu na Universidade de Coimbra, nesse ano.

Ora é justamente desta experiência que partiu o impulso para a sua mais recente exposição. O móbil exterior e imediato para apresentação dos seus últimos trabalhos foi uma exposição coletiva, acompanhada da apresentação global dos projetos de todos os participantes no Curso de Doutoramento, iniciativa com que a sua direção quis simbolicamente encerrar a parte curricular deste programa de estudos. Esta mostra coletiva abriu em 26 de outubro e decorreu nas instalações do imponente Colégio das Artes, o espaço que acolhe o curso. Paralelamente a essa

mostra, e integrada no programa geral de abertura à comunidade, foi simultaneamente inaugurada uma exposição individual da artista brasileira, que se articula estreitamente com o seu projeto de doutoramento, submetido ao tema “Habitar como Poética”. Os trabalhos que agora apresenta estendem-se por sucessivas salas do primeiro e segundo andar do edifício. E já aqui podemos falar numa poética do habitar. Efetivamente, com a anuência da direção do curso, Claudia Renault foi-se gradualmente familiarizando com e apropriando-se de espaços sem vida, fora de uso, degradados, des-habitados, do velho edifício, aos quais transmitiu, com as suas intervenções, uma dimensão estética nova.

Mas aquilo que o espetador agora pôde apreciar num recanto do claustro do Colégio e em cinco das suas salas, ligadas por uma escada interior, nasceu de um processo longo e silencioso de indagação e conquista de um lugar. Tem origem numa auscultação muda, regular, persistente, de uma cidade alheia, desconhecida – neste caso, Coimbra – em que o estranho e o familiar se conjugam. No percurso de sua casa para a universidade, palmilhado em silêncio dia após dia, Claudia Renault foi procurando pistas de existências, auscultando os sinais da existência de outros, recolhendo e juntando peças de um *puzzle*, em que nos reconhecemos como se nos víssemos ao espelho: os OUTROS e NÓS, os OUTROS e EU, os OUTROS como EU. E, neste processo de reconhecimento, com sobressalto mas também com alegria, descobrem-se os pequenos nadas do nosso quotidiano, as marcas da nossa leve e efêmera passagem sobre a Terra.

Na sala que primeiro se oferece ao visitante cumprem-se, aparentemente, com maior “docilidade”, as regras de uma exposição canónica: o material recolhido encontra-se montado sobre placas de vidro, material que a artista tem explorado em trabalhos seus anteriores (vd., por ex., *Claudia Renault* Belo Horizonte, Editora C/Arte, 2009), e aparentemente encontra-se organizado de acordo com critérios tradicionais, de forma, cor, tamanho, textura. É a vida orgânica que aqui encontramos, folhas secas de árvores e fragmentos de madeiras de todos os tipos, cortiça, sementes, mas também restos de canalizações, fragmentos de azulejos, detritos de materiais de construção, fundos de garrafas de vidro e latas amolgadas pela passagem de veículos, e muitas, inúmeras, pedras. Mas também as marcas arqueológicas de existências humanas, numa paleta que percorre idades, desejos, atividades, preocupações: restos de

bengalas, de lentes de óculos, cartas de jogar, senhas de autocarros, papéis anotados com uma caligrafia certinha e minúscula, uma moldura vazia, evocando a memória de afetos que possa ter representado, na ilusória esperança de vir a ser re-habitada. Uma luva de borracha de algum operário, de um cinzento de morte, impõe-se-nos de repente, e está ali pelo gesto humano no tempo, simultaneamente investido e despojado de sentido. Mais escondida e discreta, e mais amorável, a caixinha de madeira que, de fato, transportou uma goiabada de São Lourenço, numa viagem de Minas Gerais a Coimbra. Claudia Renault mostra assim estar atenta às “coisas”, no sentido que lhes dava Heidegger e que foi central na escrita de um poeta como Rainer Maria Rilke, pondo em evidência o seu ser “não-nada”, na expressão do filósofo alemão.

Todo este material se encontra quase inocentemente alinhado em carreirinhas horizontais, como se de um catálogo se tratasse. E já aqui se instala o paradoxo e se reconhece o impulso artístico de todos os tempos: a tentativa de instaurar a ordem no caos. Mas o paradoxo abre caminho por outras vias ainda, como sejam o contraste entre a transparência das placas de vidro e a obscuridade do real, tentativamente reconstituído e decifrado pela acumulação dos múltiplos fragmentos que para ele apontam. Com esta valorização estética do fragmento, a artista inscreve-se numa linha já traçada pelos românticos alemães e explorada na modernidade.

Mas do plano humano, individual ou coletivo, que se dá à descoberta na sala principal da exposição, passa-se a outros espaços, num dos quais o espetador é convidado a confrontar-se com a pegada que deixa sobre a Terra. Claudia Renault aproveitou um compartimento interior, sem janela e sem luz natural, para montar uma instalação em que o chão se encontra pejado de pequenas garrafas de plástico, daquelas de que todos os dias nos servimos e deitamos fora, e cujas paredes são animadas por sacos de plástico, também eles brancos e transparentes, que, impulsionados por um foco de ar em movimento, nos acenam fantasmagoricamente, lembrando-nos não só os nossos atentados contra a mãe-natureza, mas sinalizando-nos igualmente a nossa efemeridade.

Num outro compartimento, encontra-se uma instalação de sinal radicalmente diferente: através de uma nesga de janela, somos convidados a ver, em filme, um pedaço de céu intensamente azul e luminoso, rasgado pelo movimento rápido de andorinhões, que a algazarra estrídula e vital das aves potencia.

Assenta igualmente no paradoxo a montagem que ocupa um outro cubículo do Colégio. O centro é habitado pelo tronco ressequido de uma piteira, que, na sua verticalidade, nos força a dirigir o olhar para o alto: no teto, em plano superior, uma imagem luminosa de verdes e de frescura, que ora se acende em clarões ora se apaga, desmentindo a secura da coluna que a sustenta.

E, também no primeiro andar, um último espaço, aparentemente o mais desarrumado, e também o mais agressivo, invadido por materiais resgatados do lixo, presenças fantasmáticas de objetos outrora úteis e familiares, como uma cadeira de escritório ou cadeirinhas de criança, velhas, agora desconchavadas e sem préstimo, memórias de anónimas existências humanas, na sua passagem pelo tempo. Ocorrem-nos os belíssimos versos de Camilo Pessanha: “Tantos naufrágios, perdições, destroços!/ – Ó fúlgida visão, linda mentira!// Róseas unhinhas que a maré partira... / Dentinhos que o vaivém desengastara.../ Conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos.”

Mas não falámos ainda dos espaços de transição. Por um lado, o recanto do claustro, em que se encontra montada a escultura de estreia da artista: paletes de madeira empilhadas jogam em contraponto de linhas, de texturas e de valores, com um monte de estilhaços de vidro dispersos sobre a relva. Por outro lado, ainda, a escada, que regista, em mais de mil fotografias, uma atividade inversa. Se as outras salas testemunhavam o ato de recolha, estas fotografias dão conta de um outro movimento, o da dispersão. Mais recentemente, Claudia Renault tem feito arte de rua, discreta, mas insistente, colando, prendendo, juntando pequenos e menos pequenos objetos com que se defronta em espaços públicos, e fazendo assim realçar cada um deles pela inesperada junção ou estimulando com isso a criação de inesperadas e potenciais significações. Daí resultam novos objetos estéticos, humildes, efémeros, surpreendentes.

Jogando igualmente com a palavra poética, Claudia Renault inscreveu no topo das escadas um fragmento da escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol, que funciona, por um lado, como *mise en abyme* dos trabalhos expostos, mas também, por outro, como registo de cariz autobiográfico e auto-avaliação do que tem sido a sua aventura coimbrã:

“\_\_\_\_\_ Este é um abrigo na orla do bosque.

Metade árvore,

Metade construção de ramos mortos.

Como cada um chegou com a sua árvore (...).”